

AFETIVIDADE NA PRÁTICA AVALIATIVA: RESSIGNIFICANDO A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Kassia Diovana Sousa Sampaio¹; Geraldo Santana Costa Neto²

INTRODUÇÃO

As relações afetivas entre alunos e professores são elementos básicos fundamentais na prática pedagógica, influenciando tanto a dinâmica do ensino e aprendizagem quanto às implicações do processo avaliativo. O vínculo afetivo está diretamente relacionado à capacidade do professor de apoiar seus alunos, para se criar um ambiente que fomente a curiosidade e a reflexão crítica. Segundo Vigotsky (1991, p. 56): “o aprendizado é um processo socialmente mediado, no qual as interações entre os sujeitos têm papel determinante na construção do conhecimento”. Dessa forma, o aprendizado não ocorre de forma isolada, como uma simples transmissão de informações, ao contrário, ele é moldado pelas interações e trocas de experiências que se estabelecem entre os indivíduos envolvidos. Esse processo de mediação afetiva contribui para a construção de um ambiente de aprendizagem mais significativo, no qual o estudante se sente valorizado, motivado e se engaja de forma mais ativa no seu próprio processo de aprendizagem.

A avaliação, quando conduzida de maneira inadequada, pode gerar nos estudantes sentimento de frustração e de insegurança, dificultando seu engajamento com o aprendizado. O medo da reprovação e o receio de não atender às expectativas podem resultar na evitação de desafios acadêmicos, limitando o potencial de desenvolvimento dos alunos. A avaliação deve ser vista como um processo contínuo de reflexão sobre a qualidade do trabalho escolar, tanto do educador quanto do estudante. Porém, por muito tempo, a avaliação foi associada à ideia de classificar e rotular os alunos, principalmente aqueles alunos considerados bagunceiros e desinteressados. Luckesi (2011) defende uma abordagem de avaliação formativa, que visa promover o desenvolvimento do aprendizado, para além de formas classificatórias.

Diante desse contexto, essa pesquisa tem como objetivo geral compreender de que

¹ Graduanda em Pedagogia Faculdade de Ensino Superior do Piauí (FAESPI). E-mail: diovanasampaio2018@gmail.com

² Graduando em Pedagogia Faculdade de Ensino Superior do Piauí (FAESPI). E-mail: netogeraldo055@gmail.com

forma a afetividade contribui para o desenvolvimento de uma avaliação da aprendizagem com caráter formativo. Especificamente, busca-se analisar a contribuição da afetividade nas relações professor e aluno; discutir os conceitos de afetividade e avaliação da aprendizagem e refletir as implicações dos fortalecimentos das relações para uma avaliação formativa da aprendizagem.

METODOLOGIA

A presente pesquisa fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, por compreender que a temática investigada (a relação entre afetividade e avaliação da aprendizagem) demanda análise interpretativa de concepções, práticas e significados construídos no campo educacional. Conforme Gil (2017), a pesquisa qualitativa possibilita a compreensão aprofundada de fenômenos sociais e educativos, favorecendo interpretações que ultrapassam a dimensão numérica e enfatizam sentidos, relações e processos.

Quanto aos objetivos, o estudo caracteriza-se como exploratório, pois busca ampliar a compreensão acerca da interface entre afetividade e prática avaliativa, temática que, embora presente no debate pedagógico, ainda carece de abordagens que articulem de forma mais sistemática as dimensões emocional, relacional e formativa da avaliação da aprendizagem. Nessa perspectiva, a pesquisa exploratória contribui para o aprofundamento teórico do objeto investigado, permitindo a problematização inicial de conceitos e categorias analíticas.

No que se refere aos procedimentos técnicos, optou-se pela pesquisa bibliográfica, elaborada a partir de materiais já publicados, com ênfase em livros de referência no campo da educação, da afetividade e da avaliação da aprendizagem. Segundo Gil (2017, p. 42), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em produções já existentes, possibilitando ao pesquisador o contato com diferentes contribuições teóricas sobre o tema estudado. Para este trabalho, foram selecionadas obras clássicas e contemporâneas de autores reconhecidos na área educacional, priorizando produções que discutem a afetividade nas relações pedagógicas, a mediação docente e a avaliação em sua perspectiva formativa.

A seleção do referencial teórico considerou critérios de relevância temática, reconhecimento acadêmico dos autores e contribuição para o campo da pedagogia e da avaliação educacional. Desse modo, o estudo apoia-se em autores como Vygotsky (1991), ao discutir a mediação social e afetiva no desenvolvimento humano; Freire (1996), pela defesa de uma educação dialógica e humanizadora; Luckesi (2011), Hoffmann (1993) e Villas Boas (2018), que fundamentam a compreensão da avaliação em sua perspectiva formativa; além de Esteban

(2009), Libâneo (2013) e Zabala (1998), cujas contribuições fortalecem a análise da prática pedagógica e das relações educativas.

O percurso metodológico consistiu na leitura, seleção, análise e interpretação crítica das obras, buscando identificar aproximações teóricas entre afetividade, vínculos pedagógicos e avaliação da aprendizagem. A partir desse movimento analítico, foram construídas reflexões sobre como a afetividade contribui para ressignificar a avaliação, deslocando-a de uma lógica classificatória para uma perspectiva mediadora, formativa e comprometida com o desenvolvimento integral do estudante.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A afetividade é um dos pilares que sustentam o processo de ensino e aprendizagem, exercendo forte influência sobre o comportamento, a motivação e o desenvolvimento cognitivo dos estudantes. No contexto escolar, sua presença pode transformar a avaliação em um instrumento de apoio, acolhimento e crescimento, ao invés de um mecanismo punitivo e excludente. Este estudo propõe uma reflexão teórica sobre os vínculos afetivos nas relações pedagógicas e seu impacto no processo avaliativo, à luz de autores como Vygotsky, Freire, Esteban e Luckesi. A afetividade está no cerne das interações humanas e, portanto, não pode ser dissociada do contexto educacional.

Freire (1996) reforça essa perspectiva ao afirmar que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” e exige também um compromisso amoroso com o ato de ensinar. Vygotsky (1991), por sua vez, enfatiza que as emoções e os afetos têm papel central no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, sendo a interação social a base para a aprendizagem.

A afetividade constitui-se como um componente essencial no processo de ensino e aprendizagem, sobretudo nas interações entre professor e aluno. Muito além de uma emoção ou sentimento subjetivo, a afetividade está imbricada nas relações sociais e pedagógicas, influenciando diretamente o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos estudantes. Em contextos educativos, ela se apresenta como um elo de aproximação, respeito e reconhecimento entre sujeitos que ensinam e aprendem.

Autores como Vygotsky (1991) ressaltam que o processo de aprendizagem é mediado socialmente, e que as emoções e os afetos não são elementos periféricos, mais centrais no desenvolvimento das funções psicológicas superiores. A afetividade, nesse sentido, é

parte constituinte da construção do conhecimento, pois interfere diretamente na motivação, na atenção, na memória e no interesse dos alunos.

Contudo, nas últimas décadas, com as contribuições de teóricos como Freire (1996), Esteban (2009) e Libâneo (2013), vem se consolidando uma concepção de ensino pautada em relações mais dialógicas e horizontais. Paulo Freire (1996) propõe uma pedagogia do diálogo, da escuta e do afeto, em que o professor é mediador do conhecimento e o aluno é sujeito ativo do processo educativo. Para Freire (1996, p. 25), "quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender", indicando que a relação professor-aluno deve ser recíproca, humanizadora e transformadora.

Nesse cenário, a afetividade torna-se um fator estruturante da relação pedagógica, pois contribui para a criação de um ambiente acolhedor e estimulante, capaz de fortalecer os laços de confiança e respeito mútuo. O professor que compreende seu papel mediador valoriza a escuta atenta, reconhece as particularidades de cada estudante e constrói estratégias pedagógicas que favoreçam a participação ativa, o senso crítico e a autonomia do aluno. Ele cria pontes entre o conhecimento e o sujeito que aprende, promovendo experiências significativas que vão além do conteúdo formal.

Por sua vez, o aluno, quando inserido em um ambiente afetivo e respeitoso, sente-se mais seguro para expor suas dúvidas, se engajar nas atividades propostas e desenvolver competências socioemocionais importantes para sua formação integral. A aprendizagem, assim, passa a ser vivida de forma mais prazerosa, consciente e motivadora. Esteban (2009) destaca que a afetividade não se opõe à racionalidade, mas é complementar a ela no processo de aprendizagem. Isso significa que o vínculo afetivo não compromete a seriedade do ensino, mas, ao contrário, potencializa-o ao criar condições subjetivas e sociais mais favoráveis à apropriação do saber. O ensino afetivo não é permissivo ou desorganizado, mas sim comprometido com uma educação que reconhece a totalidade do sujeito.

A avaliação, quando compreendida de forma formativa e humanizadora, deve ser um momento de transformação, de reflexão e de construção coletiva do conhecimento. Esse processo, no entanto, não está isento de afetos, emoções e vínculos que se estabelecem entre professor e aluno. Por isso, torna-se imprescindível reconhecer que a avaliação carrega não apenas uma dimensão cognitiva, mas também emocional, relacional e subjetiva.

Portanto, avaliar de forma efetiva e consciente é promover o desenvolvimento integral do estudante, considerando-o em sua totalidade. É construir uma prática pedagógica

comprometida com o bem-estar emocional, com o fortalecimento dos vínculos interpessoais e com a valorização dos sujeitos em processo de formação. A afetividade, quando presente na avaliação, torna a escola um espaço de pertencimento, confiança e possibilidades.

Discutiu-se a necessidade de ressignificar a ação avaliativa, rompendo com modelos tradicionais baseados na punição, na rigidez e na classificação. A partir de autores como Freire, Esteban e Luckesi, defendeu-se uma avaliação formativa, que acompanha o percurso do estudante e promove o seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Nessa perspectiva, o erro é valorizado como oportunidade de crescimento, e o professor assume um papel mediador, sensível às singularidades e aos processos de cada aluno. Ao reunir os aspectos da avaliação, das relações afetivas e das implicações emocionais no processo de aprendizagem, ficou evidente que a prática avaliativa não pode ser neutra ou desprovida de empatia. Pelo contrário, é preciso que o professor reconheça sua influência direta sobre os sentimentos, a autoestima e o engajamento dos estudantes.

As implicações emocionais no processo de aprendizagem evidenciam que não se pode dissociar o sentir do aprender. Crianças e adolescentes que vivenciam avaliações marcadas por humilhação, medo ou desvalorização tendem a desenvolver bloqueios emocionais, resistência às atividades escolares e baixa autoeficácia. Por isso, é essencial que a avaliação considere os aspectos subjetivos envolvidos no ato de aprender, promovendo um olhar mais empático e singularizado. Ressignificar a avaliação é, portanto, reconhecer o papel central da afetividade na mediação do conhecimento, contribuindo para um processo de aprendizagem mais integral, ético e significativo.

Por fim, ao compreender a avaliação como prática relacional, o educador amplia sua visão sobre o ensino e reafirma o compromisso ético com a formação integral dos sujeitos. A afetividade, nesse contexto, não é um adorno da prática pedagógica, mas parte constitutiva dela. A escuta, o acolhimento e a valorização das emoções tornam a avaliação um espaço de crescimento, no qual aprender é, antes de tudo, um processo de encontro consigo e com o outro.

CONCLUSÕES

A análise evidencia que a afetividade na prática avaliativa é compreendida como elemento essencial para a construção de uma avaliação de aprendizagem com caráter formativo. Os referenciais teóricos destacam que as relações entre professor e aluno, quando pautadas no

respeito, na empatia e no diálogo; favorecem um ambiente propício ao desenvolvimento cognitivo e emocional dos estudantes.

Constata-se que há uma defesa consistente de práticas avaliativas que superam modelos classificatórios e punitivos, valorizando o processo de aprendizagem e as singularidades dos alunos. Contudo, identificam-se desafios na consolidação dessas práticas, especialmente diante de concepções tradicionais ainda presente no contexto escolar, que reforçam a avaliação como instrumento de controle e mensuração.

Verifica-se que a avaliação, quando orientada pela afetividade, exige uma postura docente sensível e mediadora, capaz de reconhecer o erro como parte do processo de aprendizagem e de promover a participação ativa dos estudantes. Reafirma-se que a avaliação formativa contribui para o fortalecimento da autonomia, da confiança e do engajamento dos alunos.

Conclui-se que a integração da afetividade à prática avaliativa ressignifica o ato de avaliar, tornando-o mais humanizado, inclusivo e comprometido com a formação integral dos sujeitos, ao considerar não apenas os resultados, mas todo o percurso de aprendizagem.

PALAVRAS CHAVES:

Relações pedagógicas; Avaliação formativa; Mediação docente; Aprendizagem significativa;

REFERÊNCIAS

ESTEBAN, M.T. **Educação e afetividade**: o movimento do humano. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

HOFFMANN, J. **Avaliar para promover**: as setas do caminho. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 1993.

LIBÂNEO, J.C. **Didática**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LUCKESI, C.C. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VILLAS BOAS, B. M. F. **Avaliação e afetividade no contexto escolar**. Campinas: Papirus, 2018.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o Desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP